

Retratos de Coragem de John F. Kennedy

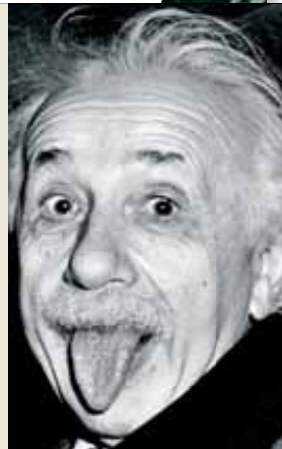


Edição comemorativa dos 50 anos do Prémio Pulitzer
Livro ainda nas bancas, por mais €16,90



Birmânia
Como a Junta Militar ajudou a oposição a organizar-se P2

Ciência
A história mostra que os craques também se enganam. E admitem-no P2



Religião
O blogue que nasceu para tentar perceber o Corão P2



Metade dos enfermeiros sem lugar meio ano após o curso

Há quem trabalhe em lavandarias ou caixas de supermercado

● Metade dos enfermeiros recém-formados não conseguiu emprego na sua área de formação seis meses após ter terminado o curso, revela um inquérito feito pela Federação Nacional de Associações de Estudantes de Enfermagem (FNAEE) junto das cerca das 40 escolas de Enfermagem do país no final do ano passado. Por ano saem das escolas de Enfermagem cerca de três mil licenciados. Porque não encontram emprego na sua área de formação, hoje é possível ver enfermeiros a trabalhar em lavandarias, caixas de supermercado, até como ajudantes de Pai Natal na última época festiva. E há quem tente

não perder a prática frequentando intermináveis estágios profissionais não remunerados, afirma o presidente da FNAEE, Gonçalo Cruz. Das respostas que obtiveram das escolas (19 responderam) é possível concluir que, a nível nacional, depois de três meses do final do curso, só 24 por cento tinham conseguido lugar. Após seis meses, eram 55 por cento. "O cenário geral até é positivo face aos casos particulares", continua o presidente da FNAEE. As médias de empregabilidade escondem situações piores, sobretudo no Norte, e também melhores, como por exemplo em Lisboa. → Portugal, 4/5

Administração do BCP

Cadilhe lamenta menor apoio à sua candidatura

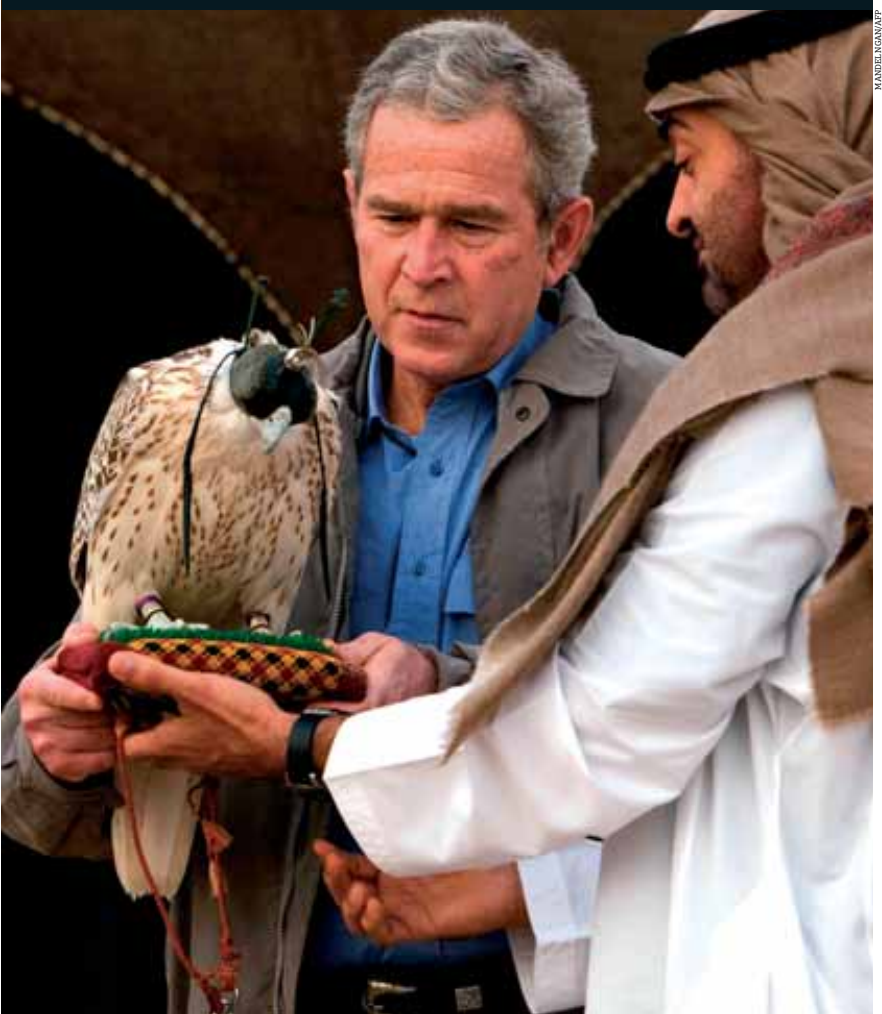
● Miguel Cadilhe admite não ter conseguido eliminar os compromissos assumidos pelos grandes investidores com a candidatura rival, encabeçada pelo ex-presidente da Caixa Geral de Depósitos, Carlos Santos Ferreira, o que terá como consequência a sua derrota. Ao PÚBLICO, garante que avançaria, "nem que tivesse um só voto". → Economia, 33

Governo de Sócrates

Promessas não cumpridas vistas por analistas

● Que consequências tem sobre o comportamento do eleitorado a decisão do primeiro-ministro de não convocar o referendo ao tratado europeu? E o aumento de impostos, contra a promessa eleitoral? E o falhanço na criação de emprego? Respondem vários analistas. E o PÚBLICO passa em revista cinco promessas não cumpridas. → Destaque, 2/3

Golfo Bush procura aliados para neutralizar Irão



● No Golfo Pérsico, o presidente dos EUA, George W. Bush, disse ontem que considera o Irão como a maior ameaça à paz mundial, pedindo aos seus aliados árabes que o ajudem a neutralizá-lo (na

foto, Bush segura um falcão que lhes é mostrado pelo príncipe de Abu Dhabi). Nicolas Sarkozy, que também está de visita oficial no Golfo, defendeu o "reforço da pressão internacional" sobre

o regime iraniano. Teerão, por sua vez, comprometeu-se a responder no prazo de um mês a todas as questões por esclarecer relativamente ao seu programa nuclear. → Mundo, 12/13



Tenha um serviço bancário com garantia de satisfação

Adira ao Cliente Freqüente de 2 de Janeiro a 20 de Março de 2008 e se não estiver satisfeito com o serviço prestado pelo Banco, durante o 1º ano do contrato, devolvemos a comissão mensal do Cliente Freqüente paga no mês anterior à redacção, até ao máximo de 66 €. E Válio para redacções formuladas numa sucursal em www.millenniumbcp.pt ou 707502424. Descontorno/Margem Operativa TAEG máxima 22,25%; Crédito Millennium bcp/TAEG máxima 8,22%; Crédito Resolvi TAEG máxima 11,80%; Crédito Universitário Licitação TAEG máxima 8,841%; Mestrados Pós-graduação e Doutoramentos TAEG máxima 8,315%; Início de Actividade TAEG máxima 9,833%; Crédito Habitação Tv Nominat 5,316% (média mensal da Euribor 3 meses do mês anterior na base 365 dias, arredondada à milésima - Jan. 4,916% - acrescida da spread 0,4%); TAEG 5,815% (DL nº220/94, 23 de Agosto), para "Previs. Indexada", 200.000€ de crédito, 340.000€ de avaliação, prazo 40 anos, 1 título com 30 anos. Valor de reembolso antecipado 0,5% (+ I.S.).

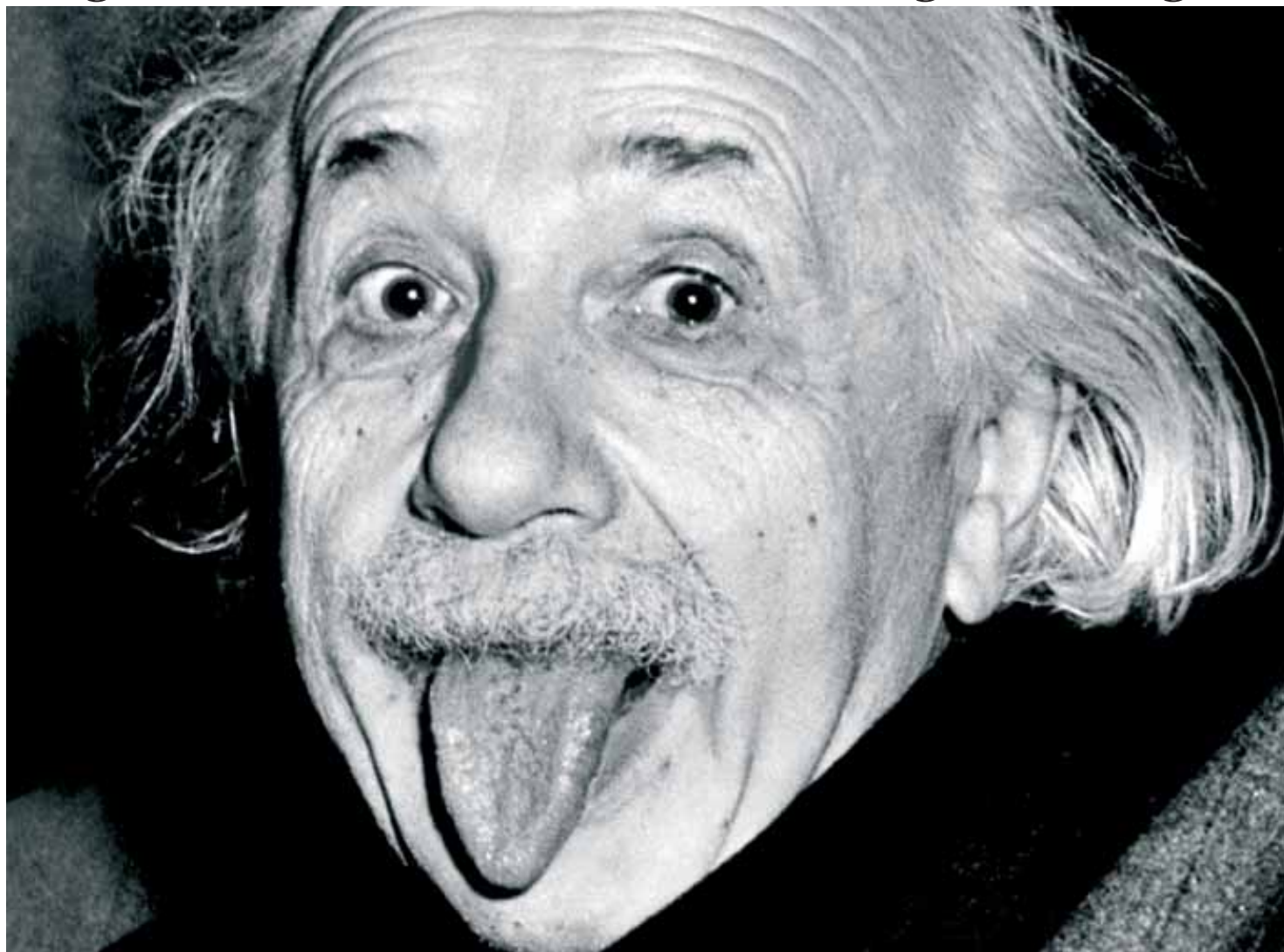
Cliente Freqüente
Millennium
bcp
A vida inspira-nos

www.millenniumbcp.pt

Público

Na Birmânia,
a oposição está mais forte
e organizada Pág. 8/9

Os grandes cientistas também se enganam Pág.4/6



Quando os grandes craques da ciência mundial mudam de ideias

Cento e sessenta e cinco eméritos pensadores, investigadores, comunicadores responderam ao apelo anual do site edge.org e à seguinte pergunta: “O que é que já o fez mudar de opinião? Porquê?”

Ana Gerschenfeld

● Da física das partículas à teoria da evolução, da bomba atômica ao aquecimento global, da guerra dos sexos à igualdade dos seres humanos, de Deus ao paranormal e até ao dogmatismo dos próprios cientistas, dezenas de grandes craques mundiais explicam *online*, neste início de 2008, o que consideram ter sido o seu maior erro de avaliação ao longo da sua vida. A iniciativa é do site www.edge.org, uma espécie de *think tank* informal, de fórum de ideias e debates científicos (ver artigo ao lado), que instaurou estas perguntas como prática anual e que a seguir irá publicar o resultado sob

forma de livro.

Muitos dos nomes que aqui surgem são bem conhecidos do público interessado - o físico Freeman Dyson, o “caçador de genes” Craig Venter, o biólogo Richard Dawkins (autor do controverso livro *The God Delusion*) ou o Nobel Leon Lederman. Outras presenças, como a do actor Alan Alda ou a do músico Brian Eno, podem à partida surpreender, mas fazem todo o sentido. E há ainda uma série de jornalistas de ciência, entre os quais Steve Connor, do *Independent*, Roger Highfield, do *Telegraph*, e Philip Campbell, director da *Nature*. Seguem-se exemplos das ideias que eles se viram obrigados a reavaliar.





1

A bomba atômica ganhou a guerra

Freeman Dyson, célebre físico teórico e matemático do Instituto de Estudos Avançados de Princeton

Mudei de ideias a propósito de uma questão histórica importante: a ideia de que os bombardeamentos nucleares de Hiroshima e Nagasaki permitiram pôr fim à Segunda Guerra Mundial. Até 2007, costumava responder: talvez. Agora, perante os factos, digo não.

2

Já não evoluímos

Steven Pinker, psicólogo experimental, Universidade de Harvard

Há dez anos, escrevi: “Será que ainda estamos a evoluir? Do ponto de vista biológico, provavelmente pouco”. Ainda faltavam anos para a conclusão do Projecto do Genoma Humano. Mas novos resultados sugerem que milhares de genes, talvez 10 por cento do genoma, têm recentemente sido alvo de uma forte selecção, que até poderá ter acelerado nos últimos milénios. Até aqui, a psicologia evolutiva partia do pressuposto que as adaptações aos estilos de vida pós-agricultura tinham sempre sido 100 por cento culturais. A confirmar-se que os novos resultados também se aplicam a funções cerebrais relevantes do ponto de vista psicológico, esse pressuposto poderá ter de ser revisto.



3

O paranormal existe

Susan Blackmore, psicóloga, consultora da revista *Skeptical Inquirer*

Quando era estudante em Oxford em 1970, fiquei fascinada com o ocultismo, as capacidades mediúnicas e o paranormal. Tornei-me parapsicóloga e testei a telepatia, a pré-cognição e a clarividência. Os resultados foram aleatórios. Fiz testes em gémeos: resultados aleatórios. Fiz testes em crianças: aleatórios. Aprendi a ler o Tarot e testei os resultados: aleatórios. Estava a tomar banho quando me ocorreu que talvez estivesse totalmente errada. Talvez os fenómenos paranormais não existissem. Tinha andado a caçar fantasmas e poltergeists, estudado para ser bruxa, espreitado para dentro de bolas de cristais. Agora, ia ter de abandonar isso tudo. Uma vez a decisão tomada, o resto foi na realidade bastante fácil.

4

Somos todos iguais

Simon Baron-Cohen, psicólogo, conhecido especialista do autismo, Universidade de Cambridge

Quando eu era novo, acreditava que a igualdade era um princípio orientador da vida. Mudei de opinião. Ainda acredito nalguns aspectos da noção de igualdade, mas já não consigo aceitá-la em bloco. A igualdade de oportunidades sociais representa um sistema de valores que vale a pena defender, mas temos de aceitar que, no domínio da biologia, não há lugar para a igualdade.

5

A obrigação do cientista é fazer ciência

Leon Lederman, Prémio Nobel da Física (autor de *The God Particle*)

Eu acreditava que a mais sagrada obrigação do cientista era fazer ciência. Agora sei que estava totalmente enganado. Tenho de concordar com um dos meus mentores na Universidade de Columbia, I. I. Rabi, que instava os seus alunos a entrarem na política e a fazerem-se eleger para um cargo público. O papel de consultor era absolutamente fútil, insistia: o poder pertencia aos eleitos. Na altura, eu pensava que o velhote era maluco. Mas hoje... Um congresso esmagadoramente dominado por advogados e mestres em gestão não faz sentido neste século XXI, onde quase todas as questões têm uma vertente de ciência e tecnologia.



6

Os homens estão no topo porque são mais espertos

Helena Cronin, filósofa, London School of Economics

Eu pensava que o facto de haver mais homens em cargos de chefia era uma questão de diferenças médias entre homens e mulheres em termos de talentos, gostos e temperamentos inatos. Em termos de talentos: os homens têm um pensamento mais técnico, as mulheres mais verbal; de gostos: os homens interessam-se mais pelas coisas, as mulheres pelas pessoas; de temperamentos: os homens gostam mais de arriscar, as mulheres muito menos. Mas mudei de opinião. Não é uma questão de médias, mas sim de extremos. As mulheres concentram-se em redor da média, enquanto que entre os homens a variabilidade entre o melhor e o pior pode ser enorme. Portanto, é inevitável haver mais homens do que mulheres nos extremos do espectro - o que dá origem a um maior número de Prémios Nobel homens, mas também de homens estúpidos.



7

É possível unificar as leis da física

Marcelo Gleiser, físico e astrónomo brasileiro, Dartmouth College

Sempre me fascinou a ideia da unificação das forças da natureza. Escrevi dúzias de artigos sobre o tema. Fiz a minha tese sobre o tema. Fascinavam-me as abordagens modernas da questão: supersimetria, supercordas, espaços com dimensões adicionais escondidas. Ainda me fascinam. Mas há uns anos comecei a duvidar da unificação e a achar que era o equivalente científico de uma formulação monoteísta da realidade, uma procura de Deus revelado nas equações. Se surgisse a mais pequena prova experimental a favor da unificação, da supersimetria ou das supercordas, eu seria o primeiro a abrir a garrafa de champanhe. Mas já passaram 20 anos e todas as tentativas falharam.



8

O aquecimento global não é um problema urgente

Craig Venter, sequenciador do genoma humano, J. Craig Venter Institute

Como muitos, queria acreditar que os oceanos e a atmosfera tinham uma capacidade ilimitada para absorver os resíduos gerados pelos humanos. Queria acreditar que a resolução do problema do carbono devido aos combustíveis fósseis ficaria para as gerações futuras, e que a nossa preocupação era o facto de as reservas de petróleo serem limitadas e não o ritmo de libertação de carbono na atmosfera. Mas os dados são incontornáveis. Estamos a fazer uma experiência muito perigosa com o nosso planeta. E temos de parar. Agora.

9

O homem surgiu porque começou a comer carne

Richard Wrangham, antropologista britânico, aluno de Jane Goodall, Universidade de Harvard

Eu achava que as origens da espécie humana se explicavam através do facto de termos começado a comer carne. Mas hoje penso que o principal avanço que nos permitiu tornar-nos humanos foi passarmos a cozinhar os nossos alimentos. A comida cozinhada permitiu que os nossos intestinos, dentes e bocas se tornassem mais pequenos, dando-nos ao mesmo tempo energia alimentar abundante e muito tempo livre para fazer outras coisas. Cozinhar exigia o controlo do fogo - e à noite, as fogueiras fizeram com que o Homo erectus se atrevesse a dormir no chão. Assim, numa batata assada e um naco de bife, temos uma nova teoria do que nos tornou humanos.



10

As raças não existem

Mark Pagel, biólogo da evolução, Universidade de Reading

Existe uma censura na maneira como somos autorizados a pensar e falar da diversidade das pessoas. Oficialmente, somos todos idênticos: não há raças. Se é um facto que as velhas ideias sobre as raças têm muitas falhas, os estudos modernos do genoma revelam um panorama diferente e surpreendente da diversidade humana. O que isto significa, gostemos ou não, é que poderá haver muitas diferenças genéticas entre as diferentes populações humanas - incluindo diferenças que até poderão corresponder às velhas categorias de "raça" - que são reais, tornando um grupo melhor do que outro na sua resposta a um dado problema ambiental. Isto não quer de maneira alguma dizer que um grupo seja em geral "superior" a outro, ou que deva ser preterido. Mas alerta-nos para o facto que devemos estar preparados para debater as diferenças genéticas entre populações humanas.



John Brockman cruza as culturas

Edge: brilhante, indispensável e viciante

A *Edge* é uma newsletter bimestral e um site. É uma singela publicação, dirigida pelo norte-americano John Brockman, agente literário de uma constelação de cientistas mundialmente famosos (e oriundos principalmente do mundo anglo-saxónico, mas não só). Nascido em Boston, em 1941, e hoje residente em Nova Iorque, Brockman é ele próprio autor e editor de 19 livros, o último dos quais intitulado *The Third Culture: Beyond the Scientific Revolution*.

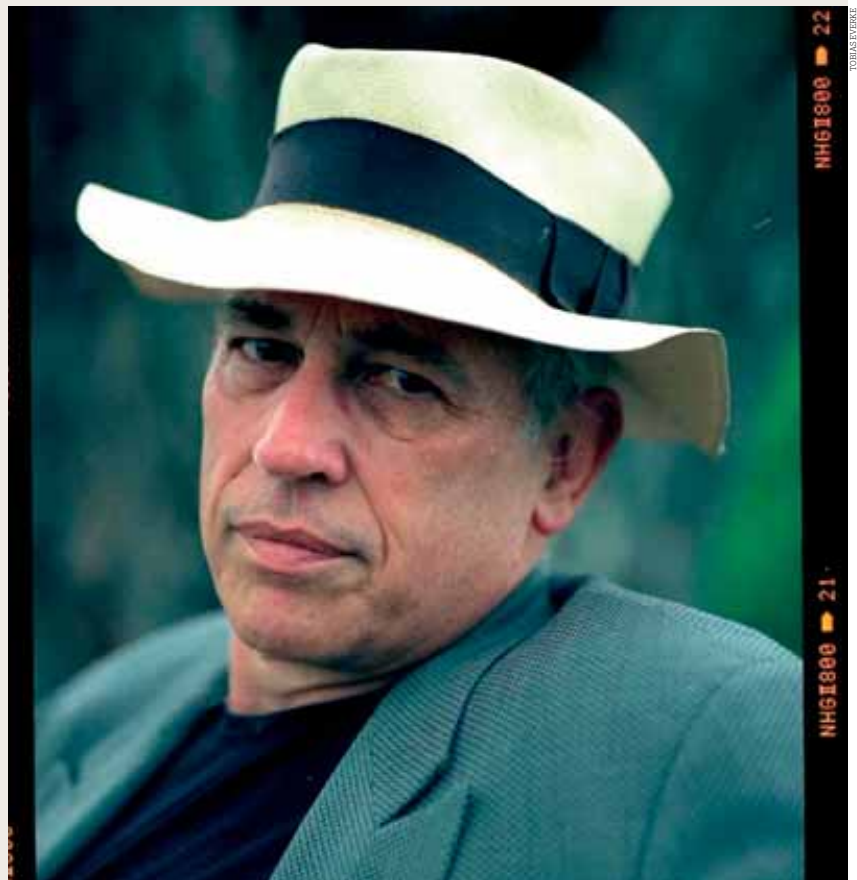
Brockman escreve na apresentação do site que os "intelectuais tradicionais", ou seja aqueles com uma formação de tipo anos 50 "em Freud, Marx e o modernismo", já não possuem suficientes habilitações para pensar o mundo actual. Hoje, uma "pessoa pensante" não pode ser apenas um "intelectual literário", à maneira dos "homens de letras" dos anos 30, que excluíam da sua classe cientistas como Einstein, Bohr ou Heisenberg. "Os intelectuais tradicionais americanos são, em certa medida, cada vez mais reaccionários e frequentemente (e perversamente) ignorantes das realizações realmente importantes do nosso tempo", diz ainda.

É precisamente em nome da "terceira cultura" - que Brockman define como sendo constituída por "aqueles cientistas e outros pensadores no mundo empírico que, através do seu trabalho e escritos estão a substituir os intelectuais tradicionais e a tornar visível os significados profundos das nossas vidas, redefinindo quem somos e o que somos" -, que a *Edge* defende o

seu objectivo: "promover a reflexão e a discussão de questões intelectuais, filosóficas, artísticas e literárias, e agir em prol da realização social e intelectual da sociedade".

O espaço virtual da *Edge* beneficia claramente de uma suspensão do receio de não se ser politicamente correcto ou de abordar temas que não são os da especialidade de cada um. Todos os participantes convidados jogam o jogo, expondo ideias controversas, confessando dúvidas, lançando propostas para o futuro. "Não existe uma lista pré-estabelecida de ideias aceitáveis", salienta Brockman. "A força da terceira cultura é precisamente que consegue tolerar os desacordos". O resultado deste ambicioso empreendimento, para quem já experimentou viajar pelas páginas web da *edge.org*, é não só brilhante, mas viciante. Interpela, interroga, provoca. Cada texto pode ser um mundo em si.

Embora pouco conhecida do grande público europeu - basta ver a lista dos artigos de jornal referenciados na revista de imprensa do site para o perceber -, a *Edge* tornou-se um ponto de passagem indispensável para todos - especialistas e amadores - os que gostam de perceber e reflectir sobre as grandes questões científicas, sociais, culturais, políticas, com base nos argumentos destes "novos intelectuais", que trabalham e pensam "na fronteira [*edge*] do conhecimento do mundo" (expressão de Brockman, claro). **Ana Gerschenfeld**



FOTOGRAFIA

NH61800 22

NH61800 21

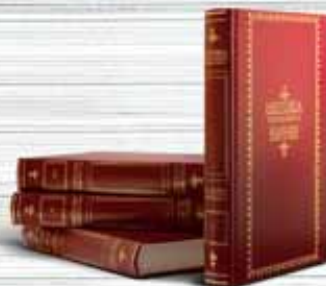


História Genealógica da Casa Real Portuguesa.

Uma obra documentada, comprovada, enterrada e só agora publicada

Onde terá ido o Público desenterrar esta obra, perguntarão alguns leitores. Pois foi literalmente o que aconteceu. A História Genealógica da Casa Real Portuguesa esteve perdida durante 272 anos e foi recuperada agora num verdadeiro trabalho arqueológico. É uma obra inédita e uma réplica quase perfeita da edição original de 1735. Uma colecção indispensável para quem se interessa pela História de Portugal. Esta semana, no volume XIII, Nobreza de ascendência real - antes da Dinastia de Bragança, de Dom Fernando Vasconcellos, Senhor de Mafra, a D. Vasco Affonso de Sousa, Marquez de Hinojares. Quinta, dia 17 de Janeiro, por apenas + €12.50, com o Público.

Preço total da colecção para Portugal Continental: 187.5€.
Distribuída entre 25 de Outubro de 2007 e 31 de Janeiro de 2008.



P
Público

Com o apoio:
ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA